

## TRADUÇÃO, DIFERENTES VISÕES DE LINGUAGEM, PÓS-ESTRUTURALISMO E PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO

## TRANSLATION, DIFFERENT VIEWS OF LANGUAGE, POST-STRUCTURALISM E PSYCHOANALYSIS: A DIALOG

Juliana Cunha Menezes<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva traçar um paralelo entre os estudos da tradução e diferentes visões acerca da linguagem, provenientes do universalismo linguístico, relativismo linguístico, pós-estruturalismo, desconstrução, de Saussure e da psicanálise. Observa-se que o universalismo linguístico permeia as mentes da maioria, o que resulta numa visão errônea sobre o trabalho do tradutor. É levantado, ainda, o ponto de vista do relativismo linguístico, que também contribui para outras ideias incorretas acerca da tradução. Salienta-se, também, que algumas questões da psicanálise podem colaborar para a aceitação do incompleto, do imperfeito, da inexistência de uma tradução perfeita e, assim, podem ajudar a evitar a melancolia do tradutor.

**Palavras-chave:** Tradução. Pós-estruturalismo. Psicanálise.

### 1. Universalismo linguístico e tradução

A questão da (in) traduzibilidade está estreitamente ligada a diferentes visões acerca de língua e sentido. O universalismo linguístico pensa a língua como nomenclatura, como um instrumento que serve para nomear o mundo. Sob esse ponto de vista, os significados seriam universais, visíveis, inquestionáveis, palpáveis:

[...] cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes, de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral. (Platão, 2001, p. 145)

A diferença entre as línguas seria material, estaria somente na forma, no plano do som e da letra. Nessa visão, o leitor é passivo e a leitura é vista como decodificação dos sentidos estáveis do texto. Como os sentidos do texto são universais e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestre em Estudos da Linguagem pela mesma universidade. É bolsista CAPES. E-mail: jcmrestless@gmail.com.

totalmente acessíveis, eles podem ser facilmente preservados de uma língua para a outra. A tradução seria uma mera troca de nomes, substituição de rótulos; traduzir seria uma tarefa fácil, e seria possível ser totalmente fiel ao original:

Traduzir era exprimir a capacidade em litros de um tonel pela capacidade em galões; tratava-se sempre, porém, da mesma capacidade, fosse ela expressa em litros ou em galões; tratava-se realmente, segundo se acreditava, da mesma realidade [...] que era expressa nos dois casos. (Mounin, 1975, p. 49)

Se uma tradução não é totalmente fiel, se não há total equivalência entre o texto de saída e o texto de chegada, a culpa é do tradutor, pois, para aqueles que acreditam nesse ponto de vista, essa “tradução perfeita” é muito possível:

Dentro desta ótica, as dificuldades da tradução dependiam de fatos acidentais: ou o tradutor deixava de captar toda a substância do conteúdo de uma expressão da língua-fonte, transmitindo-a, conseqüentemente, de maneira incompleta; ou o tradutor conhecia de maneira insuficiente os recursos das formas do conteúdo e das formas da expressão na língua-alvo e as utilizava inexatamente. Em ambos os casos, a falha da tradução constituía uma falha do tradutor. E, caso fossem evitadas essas duas espécies de falhas, as outras dificuldades da tradução passavam a constituir uma responsabilidade exclusiva da estética e não da linguística: quando a tradução era insatisfatória, com relação a um original esteticamente famoso, era porque o tradutor não tinha talento. (Mounin, 1975, p. 49)

A visão de que “traduzir é fácil” é compartilhada pela maioria; ela faz parte do senso comum. A invisibilidade e o desprestígio da tradução, que encontramos refletidos nos prazos curtíssimos e na má remuneração dessa profissão, estão diretamente ligados a essa visão amplamente difundida de que traduzir é simples: qualquer um que saiba pelo menos duas línguas pode traduzir: “Ouço sempre este comentário, dirigido a ex-estudantes de intercâmbios: ‘Você não aprendeu inglês? Então, por que não ‘vira’ tradutor? Deve ser fácil ---- e parece que dá um bom dinheirinho...’” (Levy, 2001, p. 2). Simcovich discute um caso de total ignorância e desvalorização do trabalho do tradutor:

Uma especialista em comunicação que estava fazendo pesquisa de mercado para um fabricante reclamou que sua empresa tinha tido muitos problemas para traduzir seu questionário. Os problemas foram tantos que eles acabaram procurando um engenheiro para fazer o trabalho. É claro que, no final das contas, as pessoas que deviam preencher o questionário não entendiam as perguntas! Quando eu perguntei se eles tinham considerado usar um tradutor, ela me olhou de modo desconcertado. ‘Um tradutor?’ (tradução minha)<sup>2</sup> (Simcovich, 2002, p. 25)

---

<sup>2</sup> Esta citação foi traduzida por mim, bem como todas aquelas extraídas de obras em língua estrangeira.

Esse é um caso que mostra claramente as consequências da visão acerca da tradução que povoa a cabeça da maioria.

## 2. Relativismo linguístico e tradução

Os neo-humboldtianos acreditam no relativismo linguístico:

[...] esta filosofia recusava encarar a língua como um instrumento passivo da expressão. Considerava-a antes um princípio ativo que impõe ao pensamento um conjunto de distinções e de valores: Todo sistema linguístico contém uma análise do mundo exterior, que lhe é peculiar e que difere da de outras línguas ou de outras etapas da mesma língua. Depositária da experiência acumulada pelas gerações passadas, ele fornece à geração futura uma maneira de ver, uma interpretação do universo; lega-lhe um prisma através do qual ela terá de ver o mundo não linguístico. (Ulmann apud Mounin, 1975, p. 50)

Os neo-humboldtianos pensam da seguinte maneira: cada língua faria o seu recorte do mundo, que seria visto de modos diferentes pelas diferentes culturas:

[...] uma “coisa” física pode receber descrições semânticas bastante diferentes, segundo a civilização em questão. [...]. Não somente “cavalo”, “cão”, “montanha”, “pinheiro”, etc...serão definidos diferentemente numa sociedade que os conhece (e reconhece) [...], e noutra que permanecem como fenômenos estranhos, o que não impede, como se sabe, que a língua disponha de um nome para designá-los, como por exemplo a palavra russa para o elefante, slon. Contudo, o elefante representa algo muito diferente para o hindu ou para o africano que o utiliza e cultiva, e por outro lado, para esta ou aquela sociedade européia ou americana para a qual o elefante só existe como objeto de curiosidade, exposto num jardim zoológico e nos circos e jaulas, e descrito em manuais de zoologia. (Mounin, 1975, p. 52)

Dessa forma, cada língua teria seu arsenal de sentidos, que seriam intransferíveis de uma língua-cultura para outra. Os significados seriam linguísticos e culturais, pois as diferenças entre os idiomas seriam formais e semânticas. A concepção de signo discutida por Saussure - um conceito intimamente ligado a uma imagem acústica – converge com essa visão neo-humboldtiana:

O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina arbor, ou a palavra com que o latim designa o conceito de “árvore”, está claro que somente as **vinculações consagradas pela língua** nos parecem conformes à realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar. (Saussure, 1972, p. 80, grifo meu)

Partindo das teses de vários relativistas, muitos consideram o tradutor necessariamente um traidor, pois não há condições de preservarmos os supostos significados do original: a tradução seria impossível e, assim, a fidelidade entre original

e tradução não existiria. Aqui, a ideia da “tradução perfeita” permanece, mantendo o desprestígio da tradução, vista como ilegítima.

### 3. Pós-estruturalismo e tradução

O ideário pós-estruturalista apresenta concepções diferentes daquelas já expostas neste trabalho. Para o pós-estruturalismo, não existe um significado próprio, estável, original de um texto. A leitura não é mais vista como mera decodificação do sentido intrínseco do texto, pois o leitor “passa a se conscientizar de sua interferência autoral nos textos que lê” (Arrojo, 2003, p. 38).

Para o pós-estruturalismo, não há a busca por “essências”, por “verdades absolutas”: “Quando falamos sobre árvores, cores, neve e flores, cremos saber algo sobre as coisas em si, e na verdade temos apenas metáforas das coisas, e essas metáforas não correspondem de forma alguma a essências originais” (Nietzsche apud Arrojo, 2003, p. 17). No entanto, mesmo que não tenhamos acesso a verdades absolutas, “para tornar possível a própria expressão humana através da linguagem, a ilusão do significado atingido, da construção do signo tem de ocorrer” (Arrojo, 2003, p. 32). Uma das características do pós-estruturalismo é a desconstrução das dicotomias, como escritor/ tradutor e original/ tradução. Porém, é necessário criar/manter categorias “para diferenciá-las, e sempre vamos encontrar casos de classificação difícil ou mesmo impossível; isso, porém, não é motivo para descartar uma classificação que se revele útil na maioria dos casos” (Britto, 2012, p. 152).

Segundo os relativistas “os significados não podem ser transferidos *de maneira alguma* de uma língua para outra” (Wierzbicka, 1992, p. 6, grifo da autora); de acordo com os universalistas, por outro lado, “os significados podem ser *totalmente* transferidos” (Wierzbicka, 1992, p. 6, grifo da autora). Para muitos pós-estruturalistas, admite-se que a “tradução perfeita” não existe, que a total equivalência entre o texto de saída e o texto de chegada é impossível. No entanto, para alguns desses estudiosos, podemos “[...] adotar como meta um ideal inatingível, desde que não se perca de vista que a meta serve apenas para direcionar nossos esforços, e não pode ser vista como um objeto realizável” (Britto, 2012, p. 152). A tarefa do tradutor, então, seria tentar criar um texto o mais próximo possível do original. Sob esses termos, a tradução seria possível.

Para Britto (2012), a tradução e a fidelidade ao original são possíveis, desde que o tradutor jogue o “jogo da tradução”:

Eis algumas regras desse jogo: o tradutor deve pressupor que o texto tem um sentido específico - na verdade, um conjunto de sentidos específicos, tratando-se de um texto literário, já que uma das regras do “jogo da literatura” é justamente o pressuposto de que os textos devem ter uma pluralidade de sentidos, ambiguidades, indefinições etc. Outra regra do jogo da tradução é que o tradutor deve produzir um texto que possa ser lido como “a mesma coisa” que o original, e portanto deve reproduzir de algum modo os efeitos de sentido, de estilo, de som ( no caso da tradução de poesia) etc., permitindo que o leitor da tradução afirma, sem mentir, que leu o original. (Britto, 2012, p. 28-29)

Britto acredita não somente na possibilidade de traduzirmos poemas, como também em análises minimamente objetivas das traduções poéticas, desde que o crítico literário, por exemplo, verifique se o tradutor conseguiu manter os aspectos que lhe parecem mais relevantes do original.

#### **4. Algumas observações sobre Saussure, desconstrução, psicanálise e tradução**

A impossibilidade da tradução também pode ser relacionada à visão de sistema linguístico saussureano:

[...] o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe ao redor; línguas há em que é impossível dizer “sentar-se ao sol.” (Saussure apud Frota, 2000, p. 33)

Se pensarmos que cada idioma corresponde a um sistema único, com seus respectivos signos, diremos que a tradução é impossível. A própria noção de signo, já explicitada neste trabalho, implica um relativismo e, assim, a intraduzibilidade, pois não há como separarmos conceito de imagem acústica.

Saussure opõe-se ao universalismo linguístico, na medida em que

[...] ele desnatura as línguas, vinculando-as às comunidades que as falam. Com essa vinculação, Saussure contrapõe-se a uma concepção universalista da linguagem segundo a qual o papel das línguas, apenas materialmente distintas, se resumiria a nomear objetos no mundo, este visto sob uma perspectiva única. (Frota, 2000, p. 33)

Sobre a visão de língua como nomenclatura, Saussure argumenta que

Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. [...]. Tal concepção é criticável em numerosos aspectos. Supõe ideias completamente feitas, preexistentes às palavras [...], ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade. (Saussure, 1972, p. 79)

Na linguística saussureana, a língua é vista como sistema de signos linguísticos, e o significado seria linguístico: “Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (Saussure, 1972, p. 130).

A noção saussureana de valor pode ser descrita da seguinte forma:

[...] em lugar de ideias dadas de antemão, valores que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. **Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.** (Saussure, 1972, p. 136, grifo meu)

Derrida (1968) leva a teoria do valor saussureana às últimas consequências:

O jogo das diferenças supõe, de fato, sínteses e remessas que impedem que, em algum momento e em algum sentido, um elemento simples esteja presente em si mesmo. Seja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada “elemento” --- fonema ou grafema --- constitua-se a partir do rastro, que existe nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema. Esse encadeamento, esse tecido, é o texto que não se produz a não ser na transformação de um outro texto. Nada, nem nos elementos nem no sistema está, jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou simplesmente ausente. **Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros de rastros.** (Derrida, 2001, p. 32, grifo meu)

A desconstrução da distinção hierárquica entre fala e escrita, em que a fala estaria acima da escrita, apoia-se nesse questionamento da noção de *presença*, demonstrado pela citação anterior. Sobre isso, podemos dizer que

[...] Para ele [Saussure], a escrita seria uma representação de outra representação (a fala). [...] Estabelece-se, assim, uma hierarquia entre fala e escrita. Derrida desconstrói essa hierarquia ao repensar o conceito de representação; re-representação supõe um presente eterno, imutável, não contido no tempo, ou seja, a própria presença. **Uma vez questionada a possibilidade dessa presença questiona-se também a distinção hierárquica entre fala e escrita: tanto uma quanto outra se constroem apenas em um presente circunscrito pelo tempo e espaço, apenas em cada nova escritura**<sup>3</sup>. (Arrojo, 2003, p. 33, grifo meu)

<sup>3</sup> O termo escritura, conforme empregado neste texto, define-se como produção de linguagem, como inscrição de um texto no mundo, seja ele escrito ou falado, produzido ou compreendido. A compreensão constitui também uma escritura, se entendida como criação de sentido, impressão de um texto a um conjunto de sinais gráficos ou sonoros que, antes do trabalho do leitor/produto, não tem nenhum sentido. (Arrojo, 2003, p. 32)

Além do questionamento da distinção hierárquica entre fala e escrita, Derrida também discute as noções saussureanas de significado e significante. Acerca dessas noções, Derrida afirma que

[...] não se trata [...] de confundir, em todos os níveis e em toda a simplicidade, o significante e o significado. O fato de que essa oposição ou essa diferença não possa ser radical ou absoluta não a impede de funcionar e até mesmo, sob certos limites, bastante amplos, de ser indispensável. Por exemplo, nenhuma tradução seria possível sem ela. E foi, efetivamente, no horizonte de uma traduzibilidade absolutamente pura, transparente e unívoca, que se constitui o tema de um significado transcendental. Nos limites em que ela é possível, em que ela, ao menos, parece possível, a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se essa diferença não é nunca pura, tampouco o é a tradução, e seria necessário substituir a noção de tradução pela de transformação: uma transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro. Não se tratou, nem, na verdade, nunca se tratou de alguma espécie de “transporte”, de uma língua a outra, ou no interior de uma única ou mesma língua, e significados puros que o instrumento --- ou o “veículo” --- significante deixaria virgem e intocado. (Derrida, 2001, p. 26)

A noção de tradução como *transformação regulada* é uma grande contribuição de Derrida para os estudos da tradução.

Muitos estudiosos rejeitam a ideia de pensarmos a tradução a partir da noção de *langue*, pois esta seria um sistema abstrato, desvinculado das ideologias, das diferenças religiosas, políticas, sociais, culturais. A *langue* estaria no âmbito do *social* de Durkheim, em que a sociedade seria homogênea e estável: “A noção de *sociedade* que prevalece no *Curso* [...] é a de ‘um todo’, a de ‘massa’, uma totalidade que pasteuriza, iguala, apaga os fragmentos, exclui o contingente” (Derrida, 2001, p. 35). Para esses estudiosos, não devemos estudar as línguas e a tradução desvinculadas de tudo, como se fosse em um laboratório, pois isso seria ilusório. Para eles, devemos estudar a tradução no âmbito da *parole*, pois, esta sim, leva em consideração os usos dos falantes, correspondendo, assim, a um estudo mais concreto. No entanto, segundo Frota,

[...] seria [...] ineficaz [...] repensar a tradução a partir de uma linguística da fala, tal como esta foi concebida por Saussure. Estaríamos afirmando, tanto quanto no caso da linguística da *langue*, uma ideologia, nos termos de Mannoni, “a que se dá o nome de positivismo científico” (1992:158). Deparamo-nos, pois, com a necessidade de um ato teórico que opere um deslocamento da dicotomia saussureana, naquilo em que ela implica determinada concepção do sujeito e de linguagem como fatores de produção de sentido. (Frota, 2000, p. 41)

A *parole* aqui também não é interessante, pois ela implica uma determinada noção de sujeito que é desconvidada pelo pós-estruturalismo. Diferentes noções de sujeito serão expostas a seguir.

Para o seu projeto linguístico neutro e objetivo, Saussure se foca no estudo da *langue*. Desse modo, ele encara o sujeito como social, passivo, assujeitado à massa, à coletividade, à História. Sobre o estudo que Saussure desejava realizar, podemos dizer que

A linguística dita científica, aceitando pacificamente trabalhar com os critérios de repetição e regularidade, aparece como um sistema fechado em si mesmo, esforçando-se para descartar o contingente, o diferente, características tradicionalmente inerentes à própria noção de sujeito. (Arrojo, 2003, p. 21)

Nos estudos saussureanos, “O componente subjetivo ou é totalmente rejeitado ---por sua variabilidade é lançado à fala --- ou é tratado na medida do que ele tem de comum em todas as pessoas” (Arrojo, 2003, p. 22). Desse modo, Saussure exclui de seu projeto linguístico a *parole* e seu sujeito cartesiano, consciente: o sujeito da vontade, do livre arbítrio, da racionalidade, da inteligência, aquele que faz escolhas de acordo com a razão. Sobre a desconstrução do sujeito cartesiano, podemos dizer que

Coube [...] a Nietzsche a difícil e ingrata tarefa de começar a desalojar o sujeito cartesiano de sua ilusão de presença, tão arraigada a todos os projetos e concepções do homem ocidental. Nesse sentido, Nietzsche é também o grande precursor de Freud. Com sua virulenta crítica ao essencialismo, abre caminho para a revolução sem precedentes que a psicanálise desencadeou na reflexão do homem sobre si próprio. (Arrojo, 2003, p. 14)

Sobre a contribuição da psicanálise para os estudos da linguagem, Frota afirma que

A psicanálise [...] concebe a relação sujeito-linguagem, e cada um desses dois termos, de forma a não podermos pensar um sem o outro. As línguas enquanto estrutura preexistem ao nascimento de cada falante, este só se constituindo como sujeito porque capturado por essa estrutura; reciprocamente, é nesse sujeito, enquanto acontecimento discursivo na estrutura, que os sentidos, por sua vez, se atualizam. Em outras palavras: concebido como sujeito do desejo inconsciente, esse sujeito, ao contrário do sujeito egoico da psicologia ou do cartesianismo, é assujeitado à estrutura da linguagem: há sujeito do inconsciente (isto é, há sujeito e inconsciente) devido ao fato de haver linguagem; reciprocamente, essa estrutura simbólica, concebida virtualmente como uma totalidade, só se atualiza parcialmente em singularidades. Para a psicanálise, o sujeito está implicado no sentido, inscrevendo, nas palavras que enuncia, a profunda singularidade de seu desejo. (Frota, 2000, p. 42)

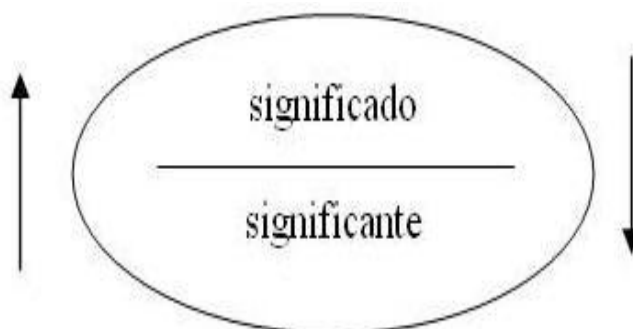


Como podemos observar, a psicanálise desconstrói o sujeito cartesiano com a noção de inconsciente.

A psicanálise subverte alguns conceitos saussureanos como, por exemplo, os conceitos de *signo* e de *langue*. Sobre as diferenças entre o signo lacaneano:

S  
s

e o signo saussureano<sup>4</sup>,



podemos dizer que

O Significante , S, acima da barra segue sua primazia relativamente ao significado, s, o que parece ser reforçado pelo “s” maiúsculo em contraposição ao minúsculo. A barra acentuada por Lacan através de um traço mais forte, marca a separação entre os dois, separação da qual Saussure [...] acaba por abrir mão: “mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente [...]” (Curso, 1975:139, grifos da autora). Além de marcar a autonomia do significante em relação ao significado, a maior espessura da barra simboliza a resistência que ela oferece à passagem do plano do significante para plano do significado, favorecendo o remetimento (sintagmático ou metonímico) de um significante aos outros significantes da cadeia, a significação só sendo produzida enquanto efeito do jogo retroativo de remetimento de um significante a outro (v. Balbi, 1984:70). O apagamento das flechas confirma a resistência que a barra enfatizada apresenta à significação (Lacan, 1978b: 227-8), na medida em que sugere o apagamento da relação biunívoca entre determinado significante e determinado significado, proposta no Curso. Finalmente, a supressão da elipse parece mostrar muito bem que, dissociados, significante e significado deixam de formar uma unidade fechada. (Frota, 2000, p. 66-67)

O signo lacaneano traz importantes contribuições aos estudos da tradução:

Poder conceber como significantes palavras que se apresentam à leitura e não necessariamente como signos, e os textos, da mesma forma, como cadeias de significantes e não mais de signos provoca uma ruptura definitiva com as visões

<sup>4</sup> A imagem a seguir foi retirada do seguinte artigo:  
<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/saussure/003.php>

tradicionais de tradução. Abre-se espaço a sentidos engendrados de modo singular na leitura, pelo tradutor, do texto de partida. Esses sentidos constituir-se-iam enquanto efeito do jogo entre significantes operado no sujeito tradutor (este também reconcebido). Os efeitos conscientes e inconscientes desse jogo é que norteariam o processo de escrita do texto traduzido, e não mais o chamado original --- este, tradicionalmente tomado como objeto já constituído e a ser preservado, feitos os ajustes formais necessários, na língua de chegada. Os tradutores, sem pretensão de neutralidade, se reconheceriam como sujeitos afetados e afetando o texto de partida, o mesmo ocorrendo com os leitores dos textos por eles escritos, também cadeias de significantes. (Frota, 2000, p. 69-70)

Sobre as diferenças entre a *lalangue* da psicanálise e a *langue* de Saussure, e os efeitos provocados por aquela na reflexão sobre a tradução, Frota afirma que

Sem furtar-se a estudar a linguagem e admitindo a necessidade da *langue* como uma construção imaginária, a psicanálise, ao trazer a noção de *alíngua*, ou seja, o desejo inconsciente, prevê a possibilidade de configurações singulares na estrutura. A possibilidade de singularidades que, no plano do sujeito, não se confundem todavia com criações resultantes de uma mestria subjetivista, na medida em que a psicanálise pensa a subjetividade como submetida a uma ordem inconsciente que comanda tais singularidades (Ogilvie, 1991:41). É nesse sentido que a psicanálise nega os dois modos dicotomizadores de pensar a relação do tradutor com as línguas e textos com que trabalha. Há um assujeitamento que não só não exclui o singular, mas que o implica. (Frota, 2000, p. 64)

Como foi possível observar, a *desconstrução*, por parte do pós-estruturalismo, e a subversão, por parte da psicanálise, de algumas das noções de Saussure, trouxeram relevantes contribuições para os estudos da linguagem e, mais especificamente, para os estudos da tradução.

## 5. Considerações finais

Termino este trabalho retomando a noção de “tradução perfeita”, que faz parte do senso comum. Os tradutores, ao adotarem tal noção, ficam suscetíveis à melancolia do tradutor. Sobre isso, Lages comenta que

Outra visão muito disseminada é a do tradutor como um maligno destruidor, deturpador do texto original. Esta visão supõe haver uma e somente uma interpretação correta, verdadeira do texto original, a qual deve ser, em vista disso, corretamente apreendida e corretamente recodificada pelo tradutor. Não se especificam para isso quais os critérios de “correção”, senão de maneira vaga, exigindo-se do tradutor excelentes conhecimentos das línguas e culturas com as quais opera, além de vastíssimo conhecimento de mundo, em termos bastante genéricos (visão triunfante, maníaca). Por outro lado, o produto da atividade do tradutor é frequentemente avaliado como inferior, “aquém” da perfeição acabada do texto de partida (visão melancólica). (Lages, 1992, p. 95)

Os tradutores devem trabalhar nos sentido de “derrubarem” certas idéias como a de o original ser visto como superior à tradução, e a de que autor também é visto como superior a tradutor. O tradutor não deve pensar que essa posição de igualdade está na produção de um texto perfeitamente equivalente ao original, pois isso seria impossível. Essa igualdade está na tentativa, tanto do autor quanto do tradutor, de criarem bons textos. Para evitarmos a melancolia do tradutor, devemos pensar que

[...] o tradutor está em pé de igualdade com o autor enquanto produtor de texto, realizador de poema na língua-cultura de chegada. É evidente que a operação tradutória tem as suas especificidades se comparada à criação original [...]; mas tais especificidades do traduzir não caracterizam o seu sujeito como um sujeito segundo e, portanto secundário, inferior. O bom tradutor é o que produz um bom texto, um bom poema, autônomo, como objeto que, uma vez criado, passa a valer e a viver por si mesmo na relação que gera com seu leitor. (Laranjeira apud Menezes, 2012, p. 10)

Aprendemos, com a psicanálise, que

[...] assim como na estrutura psíquica do sujeito há um outro desconhecido, na estrutura da linguagem há como que línguas de falhas, de vazios ao mesmo tempo feitos de desejo inconsciente e espaço onde este é feito, através de formações que o mostram sempre disfarçado --- deslocado, condensado ---, modo de conter a constante barreira que o quer recalado. É então isso que é real e desconhecido, mas estruturante, que vem trazer uma impossibilidade: **a impossibilidade do todo, da completude**. A impossibilidade de se escrever tudo, de se conhecer e prever tudo. Há sempre algo que falta, que falta de dizer, escrever ou conhecer, às vezes mesmo devido a um excesso, um equívoco. Essa impossibilidade do todo é expresso por Lacan através de uma dupla negação que procura, que procura dizer desse algo real e inconhecível como o que “não pára de não se escrever”. (Frota, 2000, p. 251, grifo meu)

Se adotarmos essa noção da impossibilidade da completude, como devemos encarar a tradução? Para discutir isso, Frota convoca o termo “tradutor-amante” e afirma que esse tradutor é aquele que

[...] sabe, em alguma medida, que há falta e desejo, em si e no outro, assim deixando de buscar tanto um Outro, sem falhas, quanto um eu idealizado, um Eu. Um tradutor que consegue conviver com a diferença e com a imperfeição das línguas e dos escritores e, por isso mesmo, pode desfrutar de pequenos momentos de amor --- um encontro especial com um autor, um texto prazeroso, uma palavra desejada, um sentido exato. (Frota, 2000, p. 262)

Complementando essa ideia, podemos citar Britto:

Deixemos para trás, pois, o problema da impossibilidade de se chegar ao sentido único e estável de um texto, ou de realizar uma tradução perfeitamente fiel, ou de avaliar de modo absolutamente objetivo a qualidade de uma tradução. Em cada um desses casos, temos soluções – parciais e imperfeitas, porém amplamente satisfatórias – à nossa disposição [...]. (Britto, 2012, p. 56-57)

Quando o tradutor abraça a impossibilidade da completude, e evita as noções de superioridade do original e do autor, ele foge da melancolia e, assim, pode tentar buscar melhores condições de trabalho para essa profissão tão importante e, ao mesmo tempo, tão incompreendida.

**Abstract:** This paper aims to draw a parallel between translation studies and different views concerning language, which come from linguistic universalism, linguistic relativism, post-structuralism, deconstruction, Saussure and psychoanalysis. It is observed that the linguistic universalism pervaded the minds of the majority, which results in a mistaken view about the work of translators. The point of view of the linguistic relativism is raised as well, which also contributes to other incorrect ideas on translation. It is also highlighted that some questions involved in psychoanalysis can collaborate to the acceptance of the incomplete, the imperfect, the inexistence of a perfect translation and, therefore, can help prevent the translators' melancholy.

**Keywords:** Translation. Post-structuralism. Psychoanalysis.

## Referências

ARROJO, Rosemary (org.). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 2003.

BRITTO, Paulo H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. São Paulo: Autêntica, 2001.

FROTA, Maria Paula. **A singularidade na escrita tradutora**. Campinas: Pontes Editores, 2000.

LAGES, Susana. O Tradutor e a melancolia. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, (19): 91-98 jan/jun, 1992.

LEVY, Angela. Sabe inglês? Vire tradutor...**Boletim da Abrates**, p.2, julho/setembro, 2001.

MACHADO, J.C.; MACHADO, L.A.C. Sentido dos sonhos: o signo onírico segundo o estruturalismo, a psicanálise e a enunciação. **Linguasagem** (São Paulo), v. 15, p. 1, 2010. Disponível em <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/saussure/003.php>. Acesso em 07/07/2014.

MENEZES, Juliana; BRITTO, Paulo Fernando Henriques. **Fernando Pessoa como tradutor**. Rio de Janeiro, 2012. 111p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. Trad. de Heloísa de L. Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975 [1963].

PLATÃO. **Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1972.

SIMCOVICH, Rut. The professional image of translators and interpreters. **The ATA Chronicle**, p. 25-26, april, 2002.

WIERZBICKA, A. **Semantics, culture, and cognition**: universal human concepts in culture-specific configurations. New York & Oxford: Oxford University Press, 1992.